

O insubstituível Brito Broca

Arnaud Pierre

Jornalista e crítico literário.



"Almejavamos editar um número especial da Revista **Ângulo** sobre esse grande escritor do Vale do Paraíba, mas especificamente, de Guaratinguetá.

Entre os escritos que conseguimos juntar, este de Arnaud Pierre despertou nosso especial interesse". (Olga de Sá).

"(...) acordei às 4h 30 min. E fui procurar a reportagem evocativa que fiz sobre Brito Broca, por ocasião de sua morte. Impressionou-me a coincidência: faz hoje exatos 37 anos que ocorreu, numa noite de sábado na praia do Flamengo, após uma inocente ceia regada a vinho no "Lamas", o velho restaurante da boêmia literária no Largo do Machado de que o Brito era um dos últimos e fiéis "habitués".

Já que falamos da morte do Brito, como o tratávamos no **Correio**, lembro-me que seu velório no saguão do edifício do jornal, à tarde de um domingo chuvosa e triste de inverno, passou quase despercebido. Foram vê-lo alguns colegas de trabalho e os amigos mais íntimos, avisados por telefone, pois o atropelamento se deu tarde da noite e os matutinos - inclusive o **Correio da Manhã** - não o noticiaram.

De todos os colegas e amigos, lembro-me porque me impressionou seu choro e desolação, o mais chocada pela morte de Brito era o José Condé, que então dirigia o suplemento literário do jornal das edições de sábado. A reportagem que lhe envio em Xerox, calcada sobretudo em evocações do grande Augusto Meyer, com quem Brito trabalhara muito tempo no Instituto Nacional do Livro, apareceu justamente nesse "Suplemento" do sábado seguinte, 26 de agosto de 1961. (...)"

O INSUBSTITUÍVEL BRITO BROCA

O título desta reportagem é de Augusto Meyer, mas por certo expressa também o sentimento dos nossos escritores ante a morte do maior conhecedor de Literatura Brasileira em nossos dias. Pesquisador como ainda não tivemos, Brito Broca recolhia fatos miúdos, esparsos por velhos jornais, e relacionava-os, comentando e sugerindo. É assim toda a sua obra, um grande manancial, fonte ou mesmo ponto de partida dos ensaístas brasileiros do futuro. Leu muitíssimo, e de tudo. Conhecía como poucos os franceses, condição indispensável a quem se debruça sobre o nosso passado literário. E trabalhava incessantemente, desinteressadamente, acumulando um volume de conhecimento que logo difundia, como um dos maiores divulgadores de cultura que já teve este país.

Se a obra que Brito Broca nos legou tem uma tal importância, a que havia programado, e que podíamos esperar para breve, completaria a ampla visão de descortínio do nosso passado literário de que tanto necessitamos. Tempo há de passar, até que surja outro com a mesma capacidade, disposição e desprendimento para um trabalho de tal envergadura e público tão parco. Eis porque Brito é uma perda irreparável, e tanto mais sentida quanto mais submetidos estivermos ao fascínio da Literatura, que foi, para ele, toda a alegria e razão do viver.

GRANDE TRABALHADOR

Criatura sem vaidade, pouco se preocupou Brito Broca em cedo recolher em livros o que produzia. Assim

é que só estreou em 1944, com **Americanos** onde enfeixou estudos de escritores argentinos, colombianos e chilenos, além de um ensaio sobre Walt Whitman. Como divulgador da literatura latino-americana, entre nós, Brito é um dos pioneiros. Só em 1952 voltou a volume, com uma biografia de Coelho Neto. Outra de Raul Pompéia, escreveu em 1956, ano em que o I.N.L. lançou o seu excelente **Horas de Leitura**, ensaios. Nesse mesmo ano surgiu pelo Serviço de Documentação do Mec, **Vida Literária no Brasil – 1900**, sua obra capital. Em 1957, Simões publicou **Machado de Assis e a Política e outros estudos**.

Não tivesse sido obrigado a uma vida jornalística tão intensa, e teria Brito Broca mais cedo abordado seu grande tema da **Vida Literária**, a que agora se dedicava com tanto ardor. Confessou mesmo a amigos, estar disposto a se afastar um pouco do jornalismo, para escrever os três volumes restantes programados. Para se ter uma idéia de sua atividade profissional, atente-se para o que fazia ao morrer; três artigos semanais no **Correio da Manhã**, três na **Gazeta**, de São Paulo (de onde era redator desde 1924), um mensal, no suplemento literário de **O Estado de São Paulo**, além das colaborações constantes neste suplemento.

Brito sempre viveu do jornalismo, só ingressando como funcionário do Instituto Nacional do Livro no ano passado, embora ali fosse redator havia já algum tempo. Era justamente essa situação, mais estável, que lhe permitiria agora dedicar-se mais livremente aos livros programados.

PROCESSO DE TRABALHO

Depois de 1932, ano em que veio para o Rio, não se fundou aqui jornal literário ou suplemento que não tivesse em Brito Broca um dos mais assíduos colaboradores. Nas pesquisas, levava ele um tempão. Virava e revirava coleções inteiras de jornais na Biblioteca Nacional, que freqüentava diariamente, ao anoitecer. Ao escrever, no entanto, era rápido, fazendo-o quase sem rasuras. Só trabalhava à noite no texto definitivo, em manuscrito. Trocava a noite pelo dia, deitando-se ao amanhecer e acordando no início da tarde. Dizia que não conseguia trabalhar com o barulho do tráfego e dos vizinhos. Quando estava trabalhando, defendia com unhas e dentes seu tempo. Logo depois que penetrei em sua intimidade, lembro-me, certa tarde encontrei-o na Biblioteca Nacional. Aproximei-me:

- Olá, Brito!
- Como vai? – fez ele, sem tirar os olhos do catatau.
- Vou bem.
- Pois eu vou ocupado...

Na semana de sua morte, Brito fez uma "caçada" em regra em determinado fato literário ocorrido em São Paulo na época do Modernismo. Segundo Meyer, parecia tratar-se da participação de Plínio Salgado no movimento. Consultou na Biblioteca Nacional várias coleções do **Jornal do Comércio**, de São Paulo, e do **Correio Paulistano**. Suas últimas consultas, feitas na sexta-feira, dia 18, foram as coleções do **Jornal do Comércio** de fevereiro-

abril de 1923, janeiro-março de 1924 e novembro-dezembro de 1925. Para a segunda-feira que ele não viveu, 21 de agosto, havia reservado o **Jornal do Comércio** de janeiro-março de 1926, além de coleções do **Correio Paulistano** (1926), **Letras e Artes** (1946) e **Gazeta de Notícias** (1886)

TRÊS LIVROS PRONTOS

É pensamento do irmão de Brito Broca, deputado André Broca, mandar proceder a uma busca em seus artigos espalhados pelos nossos jornais e revistas literárias. Todos eles contaram com sua colaboração regular. Alguns mesmo, como o excelente **Letras e Artes**, dizem, descansavam em suas mãos infatigáveis. Escreveu assiduamente em **Cultura Política, Autores e Livros** e, a partir de outubro de 1949, no **Jornal de Letras**. Em maio de 1952 assumiu o cargo de redator-chefe deste último mensário, que teve então uma grande fase.

Brito deixou um livro no prelo, **Pontos de Referência!**, a sair em breve na coleção **Cadernos de Cultura** do MEC. Nele enfeixou vários ensaios e artigos escritos em **Leitura** na seção **Livros Esquecidos**. Praticamente pronto está outro volume de **Vida Literária** que seria o quarto e último da série programada, a que ele mesmo já intitulara **Vida Literária no Brasil - Fase Modernista**. Do seu plano do livro, só dois capítulos não estavam concluídos, o que ele esperava fazer até setembro vindouro. Para os outros dois volumes da série **Período Colonial e Romantismo e Fase Naturalista** já tinha muito material recolhido, principalmente para o último que seria o próximo em publicação. Por fim, Brito Broca deixou concluído, ainda, o primeiro volume de suas **Memórias**, parte referente à infância em Guaratinguetá. Tem o título **Quando havia Província**. Alguns capítulos já forma publicados no **Jornal de Letras**, número de julho último, com as passagens pela sua cidade natal de Edu Chaves (1912) e do Rei Alberto, da Bélgica (1920). Neste último há uma referência curiosa à política "quente" da terra, na qual o jovem Brito Broca de então (16 anos) já começava a imiscuir-se. (E aqui, joguemos sobre os leitores o velho chavão: - "Passem, senhores!")

Foi mesmo por se ter metido em política, em Guaratinguetá, que Brito Broca se viu "compelido" a mudar de ares, em 1922, transferindo-se para São Paulo. (Naturalmente, já o atraía um centro maior, onde logo se meteu no jornalismo). Mas o fato é que sua mudança teve por razão imediata a descoberta da autoria de uns artigos, no jornalzinho da terra, em que se desancava barbaramente o chefe político local. E esse homem era íntimo da família Broca!

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 26. Ago. 1968.